



São John
Henry Newman

Meditações sobre

NOSSA SENHORA

EDITORA
PADRE PIO

EDITORIA
PADRE PIO

Avenida Higienópolis, 174, Centro
86020-908 — Londrina/PR
editorapadrepio.org

AUTORIA
São John Henry Newman

CAPA
Klaus Bento

DIAGRAMAÇÃO
Eduardo de Oliveira

DIREÇÃO DE CRIAÇÃO
Luciano Higuchi

EDIÇÃO E REVISÃO
Éverth Oliveira

TRADUÇÃO
Guilherme Ferreira
Kalahan Seleri

**MEDITAÇÕES SOBRE
NOSSA SENHORA**

© Todos os direitos desta edição
pertencem e estão reservados à
Editora Padre Pio.

*Redempti ac vivificati Christi sanguine, **Christo nihil
preponere debemus, quia nec ille quidquam nobis preposuit.***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Newman, John Henry, 1801-1890

Meditações sobre Nossa Senhora [livro
eletrônico] / John Henry Newman ; tradução
Guilherme Ferreira, Kalahan Seleri. — Londrina
PR : Instituto Padre Pio, 2023.

PDF

Título Original: *Meditations on the Litany of Loreto, for the Month of May*
ISBN: 978-85-52993-09-4

1. Cristianismo 2. Maria, Virgem Santa – Teologia
3. Newman, John Henry, 1801-1890 4. Meditação –
Igreja Católica I. Título.

23-177866

CDD-232.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Virgem Maria : Mariologia 232.91

SUMÁRIO

Quem foi São John Henry Newman	5
Sobre esta edição	7

I. SOBRE A IMACULADA CONCEIÇÃO

1. Maria é a <i>Virgo Purissima</i> : a “Virgem Puríssima”	12
2. Maria é a <i>Virgo Prædicanda</i> : a “Virgem Louvável”	14
3. Maria é a <i>Mater Admirabilis</i> : a “Mãe Admirável”	16
4. Maria é a <i>Domus Aurea</i> : a “Casa de Ouro”	18
5. Maria é a <i>Mater Amabilis</i> : a “Mãe Amável” ou Querida	20
6. Maria é a <i>Rosa Mystica</i> : a “Rosa Mística”	23
7. Maria é a <i>Virgo Veneranda</i> : a “Virgem Venerável”	25
8. Maria é <i>Sancta Maria</i> : a “Santa Maria”	27

II. SOBRE A ANUNCIAÇÃO

9. Maria é a <i>Regina Angelorum</i> : a “Rainha dos Anjos”	31
10. Maria é o <i>Speculum Justitiæ</i> : o “Espelho da Justiça”	33
11. Maria é a <i>Sedes Sapientiæ</i> : a “Sede da Sabedoria”	35
12. Maria é a <i>Janua Cæli</i> : a “Porta do Céu”	38
13. Maria é a <i>Mater Creatoris</i> : a “Mãe do Criador”	40
14. Maria é a <i>Mater Christi</i> : a “Mãe de Cristo”	43
15. Maria é a <i>Mater Salvatoris</i> : a “Mãe do Salvador”	46

III. AS DORES DE NOSSA SENHORA

16. Maria é a <i>Regina Martyrum</i> : a “Rainha dos Mártires”	50
17. Maria é o <i>Vas Insigne Devotionis</i> : o “Vaso Insigne de Devoção”	52
18. Maria é o <i>Vas Honorabile</i> : o “Vaso Honorífico”	54
19. Maria é o <i>Vas Spirituale</i> : o “Vaso Espiritual”	56

20. Maria é a *Consolatrix Afflictorum*:
a “Consoladora dos Aflitos” 58
21. Maria é a *Virgo Prudentissima*: a “Virgem prudentíssima” 60
22. Maria é a *Turris Eburnea*: a “Torre de Marfim” 62

IV. SOBRE A ASSUNÇÃO

23. Maria é a *Sancta Dei Genetrix*: a “Santa Mãe de Deus” 65
24. Maria é a *Mater Intemerata*: a “Mãe Imaculada” 67
25. Maria é a *Rosa Mystica*: a “Rosa Mística” 69
26. Maria é a *Turris Davidica*: a “Torre de Davi” 71
27. Maria é a *Virgo Potens*: a “Virgem Poderosa” 73
28. Maria é *Auxilium Christianorum*: o “Auxílio dos Cristãos” 75
29. Maria é a *Virgo Fidelis*: a “Virgem Fiel” 77
30. Maria é a *Stella Matutina*: a “Estrela da Manhã” 79

Quem foi São John Henry Newman

São John Henry Newman foi um grande teólogo, filósofo, poeta, orador e prosador inglês, nascido em Londres, no dia 21 de fevereiro de 1801, e falecido em Birmingham, no dia 11 de agosto de 1890.

Educado inicialmente no calvinismo por sua mãe, tornou-se anglicano e finalmente converteu-se à Igreja Católica, sendo recebido na barca de Pedro a 9 de outubro de 1845 pelo Padre Dominic, um passionista italiano — não sem passar antes por um processo longo, pautado pela fidelidade à verdade. Em 1879, foi criado cardeal pelo Papa Leão XIII, gesto que reabilitou publicamente a figura de Newman em seu país natal.

Ele deixou um legado duradouro, que até hoje tem impacto na vida da Igreja. (O Papa Bento XVI, por exemplo, foi profundo conhecedor e admirador de suas obras.) Escreveu extensivamente não só sobre teologia, mas também sobre educação e a importância da formação clássica como base para uma verdadeira vida intelectual. Foi grande propagador e defensor das artes liberais, cujos fundamentos ele explica principalmente na obra *A Ideia de uma Universidade*.

Newman foi personagem central do chamado Movimento de Oxford, um grupo de intelectuais que buscava restaurar a riqueza da tradição católica na Igreja Anglicana. Sua influência nesse movimento foi fundamental para reviver a teologia ca-

tólica e o pensamento religioso na Inglaterra. Não sem razão, excetuando-se os mártires, Newman foi o primeiro inglês a ser beatificado depois da Reforma Protestante.

Sua conversão ao catolicismo marcou um momento crucial em sua vida e na história da teologia. A coragem de seguir sua consciência e aprofundar sua fé católica foi um exemplo poderoso de integridade e dedicação à verdade. Ela desencadeou uma série de outras conversões importantíssimas, que puseram o catolicismo no centro da vida cultural da Inglaterra por mais de cem anos.

Nomes como Robert Hugh Benson, Ronald Knox, Gerard Manley Hopkins (recebido na Igreja pelo próprio Newman), G. K. Chesterton, Evelyn Waugh, Christopher Dawson, Graham Greene e outros são devedores do gesto heroico do homem que, com o auxílio da graça, desafiou uma estrutura social fechada, que tratava os católicos como párias.

Enfim, sua vida pode ser resumida numa única expressão: honestidade intelectual.

Sobre esta edição

As reflexões presentes neste livro foram retiradas do livro *Meditations and Devotions*, uma coleção de orações compostas por São John Henry Newman, sobre os mais diversos assuntos e para as mais diversas ocasiões. Quem as reuniu e organizou num só volume foi o seu companheiro de congregação Padre William Neville, encarregado que ficou de zelar pela obra literária do Cardeal Newman após a sua morte — função chamada em alguns lugares de “executor” ou “testamenteiro literário”. Graças ao trabalho dele veio a lume este livro.

Neste nosso opúsculo, especificamente, consta apenas a primeira parte da referida obra, intitulada “Meditações sobre a Ladainha de Nossa Senhora, para o Mês de Maio” (*Meditations on the Litany of Loreto, for the Month of May*). E, mesmo assim, tomamos a liberdade de fazer algumas adaptações para esta edição.

1. Antes de qualquer coisa: o inglês do Cardeal Newman é mais arcaico, típico do século em que viveu. Por isso, aqui e ali, inserimos algumas palavras adicionais, para além do que ele escreveu, de modo a facilitar a compreensão do texto pelo leitor de língua portuguesa. Essas palavras ou expressões foram colocadas entre colchetes: [...].

2. O leitor perceberá que, a partir do capítulo 16 (dia 17 de maio, no original), as meditações do autor ficam mais curtas. A razão é dada por ele mesmo, em nota presente na edição origi-

nal: “Desde este dia até o final do mês, devido à novena e oitava de São Filipe Néri, as meditações são mais breves que as anteriores”. Como membro da Congregação do Oratório, Newman tinha grande devoção por seu “santo Pai e Padroeiro”, cuja festa se celebra a 26 de maio. Por isso diminuíu, nos dias que precedem sua festa, e também nos subseqüentes, as reflexões sobre Nossa Senhora, a fim de acomodar a devoção ao fundador de sua Ordem religiosa.

3. Por fim, omitimos as reflexões introdutórias presentes no original, *primeiro* porque limitavam a leitura das meditações ao mês de maio, *depois* porque seu conteúdo demandaria notas de rodapé excessivas para um livro devocional (e digital). O primeiro texto, “Maio, o Mês da Promessa” (*May the Month of Promise*), falava, por exemplo, do caráter primaveril do mês de maio — nota exclusiva do hemisfério norte. O segundo texto, “Maio, o Mês da Alegria” (*May the Month of Joy*), relacionava o caráter mariano desse mês às inúmeras festas litúrgicas nele presentes — mas as reformas do século XX mexeram tanto no calendário litúrgico que, nesse ponto, para o leitor atual, as considerações do Cardeal Newman precisariam ser praticamente reescritas, de alto a baixo.

Providencialmente, as duas reflexões que escolhemos omitir não nos impediram de chegar ao número de 30 capítulos para este opúsculo. Isso porque, a 7 de maio, a publicação original previa duas reflexões: uma sobre o título *Mater Amabilis* e outra sobre o título *Rosa Mystica*. O editor explica que esta última “foi escrita e usada em 1874, mas no ano seguinte foi suplantada, e [a reflexão sobre o título] *Sancta Maria* foi escrita e adicionada no lugar”. Assim, de 32 meditações que havia no original, para os 31 dias de maio, nós excluimos as duas primeiras e apresentamos 30, para serem usadas em *qualquer* mês

do ano — até porque o ano inteiro podemos pensar em Maria, e meditar sobre os títulos de sua ladainha.

É justamente este, aliás, o intento desta publicação: fazer crescer, no leitor brasileiro, a veneração a Nossa Senhora, dando bons fundamentos teológicos às suas meditações. Ninguém ignora o quanto tem crescido em nosso país o número de seitas protestantes, que cada vez mais seduzem os católicos de berço, apartando-os da sã doutrina e do amor à Mãe de Deus. Ver a devoção tão sólida de um ex-protestante à Virgem Maria talvez reacenda, no coração de alguns, o desejo de fazer o caminho de volta à Casa.

É o que esperamos.

São John Henry Newman,

rogai por nós!

Santa Maria, Mãe de Deus,

rogai por nós!

MEDITAÇÕES
SOBRE
NOSSA SENHORA

São John Henry Newman

I.
SOBRE A
IMACULADA
CONCEIÇÃO

1. Maria é a *Virgo Purissima*: a “Virgem Puríssima”

Entende-se pela Imaculada Conceição da Virgem Santíssima a grande verdade revelada segundo a qual ela foi concebida no ventre de sua mãe, Sant’Ana, sem o pecado original.

Desde a queda de Adão, todos os seres humanos, que dele descendem, são concebidos e nascem no pecado. “Eis que nasci na culpa”, diz no Salmo *Miserere* o escritor inspirado, “e minha mãe concebeu-me no pecado” (*Sl* 50, 7). Esse pecado, que pertence a cada um de nós e é nosso desde o primeiro momento de nossa existência, é o pecado da incredulidade e da desobediência, que levou Adão a perder o Paraíso. Nós, filhos de Adão, somos herdeiros das consequências desse pecado e foi por meio dele que perdemos a veste espiritual de graça e santidade que ele recebeu do Criador no momento em que foi criado. Todos nós somos concebidos e nascemos neste estado de privação e deserção, e o modo ordinário pelo qual dele somos tirados é o sacramento do Batismo.

Maria, porém, *nunca* esteve nesse estado, pois foi isenta dele por um decreto eterno de Deus. Desde a eternidade, Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — decretou a criação da espécie humana e, prevendo a queda de Adão, decretou a redenção de todos os homens por meio da Encarnação do Filho e de seu sofrimento na Cruz. Naquele mesmo instante insondável e eterno em que o Filho de Deus nasceu do Pai, também foi decretada por meio dele a redenção do homem. Aquele que nas-

ceu desde [toda] a Eternidade, nasceu por um decreto eterno para nos salvar no Tempo e redimir a espécie humana inteira; e a redenção de Maria foi decretada segundo esse modo especial que chamamos de Imaculada Conceição. Deus não decretou que ela deveria ser *purificada* do pecado, mas que deveria, desde o primeiro momento de sua existência, ser *preservada* dele, de modo que o Maligno jamais tivesse nela parte alguma. Portanto, ela foi uma filha de Adão e Eva como se eles nunca tivessem caído, pois não participou do pecado deles. Herdou os dons e as graças que Adão e Eva possuíam no paraíso (e até mais do que isso). Essa é uma prerrogativa dela, e também o fundamento de todas aquelas verdades salutares que nos são reveladas a seu respeito. Digamos, então, com todas as almas santas: *Ó Maria, Virgem Puríssima, concebida sem pecado original, rogai por nós.*

2. Maria é a *Virgo Prædicanda*: a “Virgem Louvável”

Maria é a *Virgo Prædicanda*, ou seja, a Virgem a ser proclamada, anunciada — literalmente, a ser *pregada*.

Estamos acostumados a pregar amplamente aquilo que é maravilhoso, estranho, raro, novo, importante. Assim, quando Nosso Senhor estava prestes a chegar, São João Batista o *anunciou*; depois, os Apóstolos foram para o mundo e *pregaram* Cristo. Qual é a mais elevada, rara e refinada prerrogativa de Maria? A ausência de pecado. Quando uma mulher na multidão gritou para Nosso Senhor: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe”, Ele respondeu: “Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus, e a põem em prática” (*Lc* 11, 27-28). Essas palavras se cumpriram em Maria. Ela foi repleta de graça *a fim de* ser a Mãe de Deus. Mas ter sido pura e santificada de tal modo foi um dom ainda mais elevado que a sua maternidade. Nosso Senhor, de fato, não teria se tornado seu filho *sem que* antes a tivesse santificado; todavia, ainda assim, sua maior bem-aventurança foi essa santificação perfeita. *Por isso* ela é a *Virgo Prædicanda*; ela merece ser anunciada mundo afora, pois nunca cometeu pecado algum, nem mesmo o menor deles, uma vez que o pecado não teve parte nela; porque, pela plenitude da graça de Deus, ela não teve jamais um pensamento, não proferiu nenhuma palavra, nem realizou ação alguma que fossem desagradáveis a Deus todo-poderoso, ou que não lhe fossem extremamente agradáveis; e porque nela foi demonstrado o maior dos triunfos sobre o inimigo das almas. Portanto, quando tudo parecia perdido,

para mostrar o que poderia fazer por todos nós ao morrer em nosso favor; para mostrar o que a natureza humana, obra sua, seria capaz de tornar-se; e para mostrar como poderia aniquilar completamente os esforços supremos e a profunda malícia do inimigo, revertendo todas as consequências da queda, Nosso Senhor, antes mesmo de sua vinda, começou a realizar sua admirável redenção na pessoa daquela que seria sua Mãe. Pelo mérito daquele Sangue que viria a ser derramado, Ele interveio para impedi-la de incorrer no pecado de Adão, antes de tê-lo expiado na Cruz. E é por isso que nós *pregamos* Maria, objeto que foi desta graça maravilhosa.

Mas ela era a *Virgo Prædicanda* por outra razão. Ora, quando, por que razão e que coisas pregamos? Pregamos o que não é conhecido, para que *se torne* conhecido. Por isso diz-se nas Sagradas Escrituras que os Apóstolos “pregam Cristo”. Para quem? Para aqueles que não o conheciam — para o mundo pagão. Não para os que o conheciam, mas para aqueles que não o conheciam. A pregação é um trabalho gradual: uma lição vem depois da outra. Assim os pagãos foram levados para a Igreja: *gradualmente*. Da mesma forma, a pregação sobre Maria aos filhos da Igreja e a devoção a ela *cresceram*, cresceram gradualmente com o decorrer das eras. Não se pregou tanto sobre ela nos tempos *antigos* quanto nos *posteriores*. Primeiro ela foi anunciada como Virgem das virgens, depois como Mãe de Deus, depois como gloriosa em sua Assunção, depois como Advogada dos pecadores, depois como Imaculada em sua Conceição. E tem sido esta a pregação específica deste século.¹ Portanto, aquilo que veio primeiro na história de Maria, veio por último no reconhecimento que a Igreja lhe presta.

1. Quando São John Henry Newman escreveu essas meditações, o dogma da Imaculada Conceição tinha sido proclamado há pouco tempo: a Bula *Ineffabilis Deus*, do Papa Pio IX, é de 1854. (N.T.)

3. Maria é a *Mater Admirabilis*: a “Mãe Admirável”

O uso do título *Admirabilis* para se referir a Maria, *Virgo Prædicanda*, a Virgem que deve ser proclamada em alta voz, sugere-nos o efeito que tem pregá-la como Imaculada em sua Conceição. A Santa Igreja a proclama e prega como concebida sem pecado original. E aqueles que ouvem, os filhos da Santa Igreja, maravilham-se, espantam-se, ficam admirados e dominados pela pregação, pois trata-se de uma enorme prerrogativa.

Até a excelência criada torna-se para nós algo assombroso de se pensar, quando ela é tão elevada quanto a de Maria. Quanto ao grande *Criador*, quando Moisés desejou ver a sua glória, Ele disse o seguinte a seu respeito: “Não poderás, porém, ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e viver” (*Ex* 33, 20); e São Paulo disse: “Em realidade, o nosso Deus é um fogo devorador” (*Hb* 12, 29). E quando São João, santo como era, viu somente a *natureza humana* de Nosso Senhor, tal como Ele está nos céus, “caiu diante de seus pés como morto” (*Ap* 1, 17). E o mesmo ocorre com as aparições dos anjos. O santo Daniel, quando São Gabriel lhe apareceu, “caiu espavorido com o rosto por terra” (*Dn* 8, 17). Quando este grande arcanjo apareceu a Zacarias, pai de São João Batista, aquele também ficou perturbado e foi tomado pelo medo. Mas com Maria deu-se algo diferente quando o mesmo São Gabriel lhe apareceu. Ela realmente ficou surpresa e perturbada com as *palavras* do anjo, porque era humilde em sua própria apreciação — [afinal], ele a

saudou como “cheia de graça” e “bendita entre as mulheres” —, mas ainda assim ela foi capaz de suportar a visão dele.

Daí aprendemos duas coisas: primeiro, quão grande era a santidade de Maria, visto que ela era capaz de suportar a presença de um anjo, cujo brilho feriu o santo profeta Daniel a ponto de fazê-lo desmaiar e quase matá-lo; segundo, uma vez que ela é tão mais santa que esse anjo, e nós muito menos santos que Daniel, que grande razão temos para chamá-la de *Virgo Admirabilis*, a maravilhosa e temível Virgem, quando pensamos em sua pureza inefável!

Há quem seja desatento, cego e subserviente a ponto de pensar que Maria não fica tão chocada com o pecado voluntário quanto seu divino Filho, e que podemos tê-la como amiga e advogada mesmo que dela nos aproximemos sem um coração contrito, sem o desejo sequer de um verdadeiro arrependimento e propósito de emenda [de vida]. Como se Maria pudesse ter menos ódio ao pecado — e mais amor aos pecadores — que Nosso Senhor! Não! Ela se compadece só dos que desejam *abandonar* os seus pecados; do contrário, como ela mesma poderia ser sem pecado? Não! Se, mesmo para os melhores de nós, como diz a Sagrada Escritura, ela é “formosa como a lua, brilhante como o sol, *terrível como um exército formado em batalha*” (Ct 6, 9), o que não será ela para o pecador impenitente?

4. Maria é a *Domus Aurea*: a “Casa de Ouro”

Afinal, por que Maria é chamada de *Casa*? E por que *de Ouro*? O ouro é o metal mais belo e valioso de todos. Prata, cobre e aço podem, cada um a seu modo, ser agradáveis aos olhos, mas nada é tão rico e esplêndido quanto o ouro. Temos poucas oportunidades de vê-lo em grande quantidade, mas qualquer pessoa que já tenha visto um grande número de moedas de ouro brilhantes sabe quão magnífica é a sua aparência. É por isso que, na Sagrada Escritura, a Cidade Santa é tida como dourada — por uma figura de linguagem. “A Cidade”, diz São João, “é de ouro puro, semelhante a puro cristal” (Ap 21, 18). Ele pretende, é claro, dar-nos uma ideia da maravilhosa beleza do Céu, comparando-a com aquela que é a mais bela de todas as substâncias que encontramos na terra.

Por isso Maria também é chamada *de Ouro*; pois as graças, as virtudes, a inocência e a pureza dela são de um brilho transcendente e de uma perfeição deslumbrante, tão preciosos e requintados, que os anjos não conseguem, por assim dizer, desviar os olhos dela, assim como não poderíamos deixar de contemplar qualquer grande obra [feita] de ouro.

Porém, aprofundemos a nossa análise: ela é uma *casa de ouro*, ou melhor, um *palácio de ouro*. Imaginemos que vimos um palácio inteiro ou uma grande igreja feitos integralmente de ouro, dos alicerces ao telhado. Assim é Maria em relação à quantidade, à variedade, e à extensão de suas excelências espirituais.

Mas por que ela é chamada de *casa* ou *palácio*? E palácio *de quem*? Ela é a casa e o palácio do grande Rei, do próprio Deus. Nosso Senhor, o Filho de Deus igual ao Pai, já habitou nela. Ele foi seu hóspede; na verdade, mais que um hóspede, pois um hóspede entra numa casa e depois a deixa. Mas, na verdade, Nosso Senhor *nasceu* nesta casa sagrada. Ele tomou sua carne e sangue desta casa, da carne e das veias de Maria. Portanto, com razão ela foi feita de ouro puro, pois estava destinada a dar deste ouro para formar o corpo do Filho de Deus. Ela foi feita *de ouro* em sua concepção e nascimento, [depois] passou pelo fogo de seus sofrimentos como o ouro na fornalha e, quando ascendeu aos céus, foi posta, nas palavras de nosso hino:²

Sobre os anjos todos
 Pura e imaculada,
 Do Rei à mão direita
 De pé e de ouro ornada.

2. Trata-se do hino *Salve, Virgo florens*, presente nas Completas do Ofício Parvo da Imaculada Conceição. A estrofe diz, no original latino: *Super omnes Angelos / Pura immaculata, / Atque ad regis dexteram / Stans veste deaurata*. A tradução mais corrente em nosso país diz: “Vós acima dos Anjos, / sois purificada / De Deus à mão direita / estais de ouro ornada”. Fizemos aqui uma tradução levemente adaptada, e um pouco mais fiel ao latim, sobretudo porque chamar a Virgem Maria de “purificada” pode dar a entender que ela tivesse alguma impureza — o que definitivamente não é o caso. Os versos em inglês são: *Above all the Angels / in glory untold, / Standing next to the King / in a vesture of gold*. (N.T.)

5. Maria é a *Mater Amabilis*: a “Mãe Amável” ou Querida

Por que Maria é tão especialmente *Amabilis*? Porque não tinha pecado, algo odioso por natureza. A graça, por sua vez, é brilhante, bela e atraente.

Todavia, podemos dizer que a ausência de pecado não bastaria para fazer com que os outros a amassem, nem para fazer com que as pessoas lhe tivessem afeição, e isto por duas razões: primeiro, porque não podemos nos afeiçoar a alguém que não seja semelhante a nós, e nós somos pecadores; em segundo lugar, porque o fato de ela ser santa não a torna agradável e encantadora, pois sabemos que os santos com quem nos relacionamos nem sempre são simpáticos, e pode acontecer de não nos afeiçoarmos a eles, ainda que os respeitemos e admiremos.

Ora, quanto à primeira dessas duas perguntas, podemos admitir que os ímpios não gostam nem podem gostar dos bons. Porém, a nossa Bem-aventurada Virgem Maria é chamada de *Amabilis*, ou amável, por ser assim com os *filhos da Igreja*, não com os que estão fora dela e nada sabem a seu respeito. E nenhum filho da Santa Igreja deixa de ter alguns resquícios da graça de Deus em sua alma. Isso já o torna parecido com Maria o bastante, por mais imperfeito que seja, permitindo-lhe ser capaz de amá-la. Portanto, podemos deixar de lado essa questão.

Tratemos da segunda pergunta, qual seja: como podemos ter certeza de que Nossa Senhora, quando estava na terra, atraía

as pessoas ao seu redor e fazia com que a amassem só por ser santa? (Considerando que os santos nem sempre possuem o dom de atrair os outros a si.)

Para explicar esse ponto, devemos recordar que há uma vasta diferença entre o estado de uma alma como a da Bem-aventurada Virgem, que nunca pecou, e o de uma alma, por mais santa que seja, que já teve o pecado de Adão, pois, mesmo após o Batismo e o arrependimento, ela sofre necessariamente com as feridas espirituais que decorrem desse pecado. De fato, os santos nunca pecam *mortalmente*; na verdade, às vezes não cometem nem mesmo um único pecado mortal em toda a vida. Mas a santidade de Maria foi além disso. Ela jamais cometeu sequer um pecado *venial*, e sabemos que só ela possui essa prerrogativa especial.

Ora, qualquer falta de amabilidade, doçura e atratividade que realmente exista nos santos advém dos *vestígios* de pecado neles presentes ou, novamente, da falta de uma santidade poderosa o bastante a ponto de conseguir superar os defeitos da natureza, seja da alma ou do corpo. No entanto, a santidade de Maria era tal que, ao vê-la e ouvi-la, não conseguiríamos transmitir nada a quem nos perguntasse a seu respeito, a não ser que ela era angelical e celestial.

Naturalmente, o rosto dela era belíssimo, mas não seríamos capazes de lembrar se era bonito ou não; não nos lembrariamos de nenhuma de suas características, porque era a sua bela alma imaculada que olhava através de seus olhos, falava por sua boca, era ouvida em sua voz e a envolvia completamente; quer estivesse parada ou caminhando, quer estivesse sorrindo ou triste, era sua alma imaculada que atraía todos aqueles que tinham alguma graça, algum vestígio de graça, algum amor pelas coisas santas. Havia uma musicalidade divina em tudo o que ela dizia e fazia — em sua presença, postura e maneira

de agir —, a qual encantava todos os corações sinceros que se aproximavam dela. Sua inocência, humildade e modéstia, sua simplicidade, sinceridade e veracidade, seu desapego, interesse sincero por todos que a procuravam, sua pureza — eis as qualidades que a tornavam tão amável; e se a víssemos agora, não pensaríamos de imediato o que ela poderia fazer por nós junto a seu Filho (embora ela possa fazer muitas coisas), mas nosso primeiro pensamento seria: “Ah, como é bela!” e em seguida pensaríamos: “Ah, como somos criaturas feias e odiosas!”

6. Maria é a *Rosa Mystica*: a “Rosa Mística”

Como foi que Maria se tornou a *Rosa Mystica* — a flor bela, delicada e perfeita da criação espiritual de Deus? Pelo fato de ter nascido, de ter sido nutrida e cuidada no jardim místico ou Paraíso de Deus. A Sagrada Escritura utiliza a imagem de um jardim para se referir ao Céu e a seus habitantes bem-aventurados. Um jardim é uma porção de terra exclusiva para árvores e plantas, todas boas e diversificadas, feito para coisas que são agradáveis ao paladar e ao olfato, belas aos olhos ou úteis para a nutrição. Em seu sentido espiritual, é o lar de espíritos bem-aventurados e almas santas que ali habitam juntos e trazem sobre si flores e frutos, que passaram a produzir através do cuidado diligente de Deus — flores e frutos de graça, flores mais belas e perfumadas que as de qualquer jardim, frutos mais deliciosos e requintados que aqueles que podem ser cultivados pelo agricultor terreno.

Tudo o que Deus criou remete ao Criador; as montanhas apontam para a sua eternidade; o sol, para a sua imensidão; e os ventos, para a sua onipotência. Da mesma forma, flores e frutos remetem à sua santidade, amor e providência; se flores e frutos são assim, o local onde são encontrados deve ser do mesmo modo, ou seja, como são encontrados em um jardim, também este deve ter excelências que apontem para Deus, pois é o lar deles. Por exemplo, seria inadequado encontrarmos flores bonitas nas encostas das montanhas ou frutos saborosos no

deserto. Então, como flores e frutos representam misticamente os dons e as graças do Espírito Santo, um jardim significa misticamente um lugar de repouso espiritual, tranquilidade, paz, refrigério e deleite.

Assim, nossos primeiros pais foram colocados em “um jardim de prazer”, sombreado por árvores “belas de se ver e agradáveis de se comer”, com a árvore da vida no meio e um rio para regar o solo (cf. *Gn* 2, 8-14). Assim, Nosso Senhor, falando do alto da Cruz ao ladrão arrependido, chama de “paraíso”, ou jardim de prazer, o lugar feliz, o Céu para onde Ele o estava levando. Assim, São João, no Apocalipse, refere-se ao Céu, o palácio de Deus, como um jardim ou paraíso, no qual estava a árvore da vida dando a cada mês os seus frutos.

Tal era o jardim no qual a Rosa Mística, Maria Imaculada, foi abrigada e criada para ser a Mãe do Deus Altíssimo, desde o nascimento até os esponsais com São José, um período de treze anos. Durante três anos, ela esteve nos braços de sua santa mãe, Sant’Ana, e depois viveu por dez anos no templo de Deus. Naqueles jardins bem-aventurados — por assim dizer —, ela viveu sozinha, continuamente visitada pelo orvalho da graça de Deus; cresceu e se tornou uma flor cada vez mais celestial, até que, no final desse período, estava preparada para ser habitada pelo Altíssimo. Esse foi o resultado da Imaculada Conceição. Com exceção de Maria, até a mais bela rosa no paraíso de Deus sofreu o declínio e o risco de ser atingida pelo verme e pelo gafanhoto. Todas sofreram, exceto Maria; desde o início sua doçura e beleza foram perfeitas. Finalmente, quando o anjo Gabriel lhe apareceu, encontrou-a “cheia da graça”, que havia se acumulado nela desde o primeiro momento de seu ser, em decorrência do bom uso que fez dela.

7. Maria é a *Virgo Veneranda*: a “Virgem Venerável”

Geralmente, usamos a palavra “Venerável” para o que é *antigo*. Isso acontece porque, normalmente, só o que é antigo possui as qualidades que suscitam reverência ou veneração.

O que suscita a nossa reverência é uma grande biografia, um grande caráter, a maturidade na virtude, na bondade e na experiência, e geralmente tais qualidades não pertencem aos jovens.

Mas isso não se aplica aos santos. Uma vida breve, ao lado deles, é uma vida longa. Assim diz a Sagrada Escritura:

Porém o justo, ainda que seja acometido pela morte prematura, estará em descanso, porque uma velhice venerável não consiste numa longa vida, não se mede pelo número dos anos. A prudência do homem é (que se pode chamar) os seus cabelos brancos, e uma vida imaculada é uma idade avançada (*Sb* 4, 7-9).

Certo escritor pagão, que nada sabia sobre os santos, afirma que, por ainda serem inocentes, até as crianças — todas elas — devem ser profundamente reverenciadas. Pessoas de todos os países nutrem e manifestam amplamente esse sentimento. Tanto é assim que saqueadores e assassinos, ao se depararem com aqueles que não pecaram (ou seja, que ainda não têm idade suficiente para ter caído em pecado mortal), muitas vezes ficam perturbados em razão dessa jovialidade inocente e sorridente, e são tomados por um medo repentino que os leva, senão ao arrependimento, ao menos a uma mudança de propósito.

Deixemos de lado o pensamento sobre as coisas inferiores e passemos às superiores: o que dizer do Deus Eterno (se é que podemos falar dele com segurança) senão que Ele, *por* ser eterno, é sempre *jovem*, sem princípio e, portanto, sem mudança; e que na plenitude e perfeição de seus atributos incompreensíveis é agora exatamente o que era há um milhão de anos? De fato, Ele é chamado na Sagrada Escritura de “Ancião” e, portanto, é infinitamente venerável. Porém, a velhice não é necessária para que alguém seja venerável; Ele não possui de fato nenhuma das características humanas de venerabilidade que os santos escritores são obrigados a atribuir-lhe figurativamente — [coisa que eles só fazem] para que possamos sentir a humildade profunda e o temor reverencial que lhe são devidos.

E o mesmo se pode dizer da grande Mãe de Deus, na medida em que uma criatura pode assemelhar-se ao Criador; sua pureza inefável e total ausência de qualquer sombra de pecado, sua Imaculada Conceição e virgindade perpétua — essas prerrogativas (mesmo ela sendo muito jovem quando o anjo Gabriel a visitou) são tais que nos levam a exclamar com temor e exultação as palavras proféticas da Sagrada Escritura: “Tu és a glória de Jerusalém, tu a alegria de Israel, tu a honra do nosso povo... por isso a mão do Senhor te fortaleceu, e serás bendita eternamente” (*Jd* 15, 10.11).

8. Maria é *Sancta Maria*: a “Santa Maria”

Só Deus pode reivindicar o atributo da santidade. Por isso dizemos no hino: *Tu solus sanctus*, “Só Vós sois [o] santo”.³ Por “santidade” queremos nos referir à ausência de tudo o que mancha, obscurece e degrada uma natureza racional, bem como a tudo que é contrário e se opõe ao pecado e à iniquidade.

Dizemos que somente Deus é *santo*, embora, na verdade, Ele possua *todos* os atributos excelsos numa plenitude tal que, verdadeiramente, só Ele pode possuí-los. Por isso, quanto à bondade, Nosso Senhor disse ao jovem rico: “Ninguém é bom senão Deus” (*Mc* 10, 18). Só Ele também é o poder, a sabedoria, a providência, o amor, a misericórdia, a justiça e a verdade. Isso é correto, mas é a santidade que se distingue como prerrogativa especial dele, porque ela assinala, mais que os outros atributos, não só a superioridade sobre todas as criaturas, mas, enfaticamente, a distância em relação a elas. Por isso lemos no Livro de Jó: “Porventura pode justificar-se o homem, comparado com Deus, ou aparecer puro o que nasceu da mulher? Eis que a mesma lua não tem resplendor, e as mesmas estrelas não são puras na sua presença” (*Jó* 25, 4). “Nem os seus mesmos santos gozam da sua confiança, nem os céus são puros na sua presença” (*Jó* 15, 15).

3. Trata-se do hino *Gloria in excelsis Deo* [“Glória a Deus nas alturas”], prescrito no Ordinário da Missa para as festas e solenidades. (N.T.)

Antes de mais nada, devemos aceitar e compreender isso. Em seguida, no entanto, sabemos também que, em sua misericórdia, Ele comunicou em distintos graus seus grandes atributos às criaturas racionais — sendo o primeiro deles a santidade, por ser o mais necessário. Assim Adão, quando foi criado, recebeu, além da natureza humana, a graça para unir-se a Deus e tornar-se santo. Por isso a graça é chamada de santificante.⁴ Por ser santificante, é o princípio de ligação entre Deus e o homem. No Paraíso, Adão pode ter tido conhecimento, habilidades e muitas virtudes, mas esses dons não o uniam ao Criador. O que os unia era a santidade, “sem a qual — como dizia São Paulo — ninguém verá o Senhor” (*Hb* 12, 14).

Mais uma vez, quando o homem caiu e perdeu a graça santificante, ainda possuía diversos dons. Talvez fosse, até certo ponto, verdadeiro, misericordioso, amoroso e justo, mas essas virtudes não o uniam a Deus. Faltava-lhe a santidade e, portanto, o primeiro ato da bondade de Deus para conosco no Evangelho é tirar-nos do nosso estado de *impureza* por meio do sacramento do Batismo e, pela graça concedida a nós, reabrir a comunicação entre a alma e o Céu, há tanto tempo interrompida.

Vemos, então, a força do título de Nossa Senhora quando a chamamos de “Santa Maria”. Quando Deus preparou uma mãe humana para o seu Filho, a primeira coisa que fez foi dar a ela uma concepção imaculada, e não o dom do amor, da veracida-

4. O original diz *holy grace* — que, traduzido literalmente, seria o mesmo que “santa graça”. Em nossa língua, a expressão que melhor traduz o que quis dizer o santo é, sem dúvida, “graça santificante”. Também porque, de fato, Adão e Eva foram criados com esta graça, segundo o que dizem unanimemente as Escrituras, a Tradição e o Magistério da Igreja (cf. *Gn* 1, 26; 2, 7; *Eclo* 7, 29; Santo Agostinho, *De Gen. ad litt.* VI, 24, 35; Concílio de Trento, Sess. V, *Decreto sobre o pecado original*, Cân. 1: *DH* 1511). (N.T.)

de, da gentileza ou da devoção, embora ela tivesse todos eles conforme a ocasião. Com efeito, Ele começou sua grande obra antes que ela nascesse, antes que pudesse pensar, falar ou agir, tornando-a *santa* e, deste modo, cidadã do Céu já na terra. *Tota pulchra es, Maria!*⁵ A deformidade do pecado jamais a atingiu, e é isso que a torna diferente de todos os santos. Já houve grandes missionários, confessores, bispos, doutores e pastores, que realizaram grandes obras e levaram consigo inúmeros conversos ou penitentes para o Céu. Eles sofreram muito e têm uma superabundância de méritos para mostrar. Mas Maria se assemelha a seu divino Filho sob a seguinte perspectiva: assim como Ele, que por ser Deus possui uma santidade distinta da santidade de todas as criaturas, também ela é diferente de todos os santos e anjos por ser “*cheia de graça*”.

5. Texto extraído do Cântico dos Cânticos (4, 7): “És toda formosa, ó minha amada, e não há mancha em ti!” e usado com frequência na liturgia católica para se referir à Imaculada Conceição de Nossa Senhora. (N.T.)

II.
SOBRE A
ANUNCIAÇÃO

9. Maria é a *Regina Angelorum*: a “Rainha dos Anjos”

Este grande título pode ser apropriadamente associado à Maternidade de Maria, ou seja, pelo fato de o Espírito Santo ter descido sobre ela em Nazaré, após a anunciação do anjo Gabriel, e com o subsequente nascimento de Nosso Senhor em Belém. Por ser Mãe de Nosso Senhor, está mais próxima dele que qualquer anjo; mais próxima até mesmo que os serafins que o cercam e clamam continuamente: “Santo, Santo, Santo”.

São Miguel e São Gabriel são os dois arcanjos que têm um papel especial no Evangelho — e ambos estão associados a Maria na história da Encarnação: São Gabriel, quando o Espírito Santo desceu sobre ela; e São Miguel, quando nasceu o divino Infante.

São Gabriel a saudou como “cheia de graça” e “bendita entre as mulheres”, além de ter lhe anunciado que o Espírito Santo desceria sobre ela, e que ela daria à luz um bebê que seria o Filho do Altíssimo (cf. *Lc 1, 26-38*).

O Livro do Apocalipse, escrito pelo Apóstolo São João, fala-nos do auxílio que São Miguel lhe prestou durante o nascimento de seu divino Filho. Sabemos que Nosso Senhor veio para estabelecer o Reino do Céu entre os homens, mas pouco tempo depois do nascimento foi atacado pelos poderes do mundo, que desejavam destruí-lo. Herodes tentou tirar-lhe a vida, mas foi derrotado quando São José o levou junto de sua

mãe para o Egito. Mas São João, no Apocalipse, diz-nos que Miguel e seus anjos é que foram os verdadeiros guardiões da Mãe e do Menino, naquela e em outras ocasiões.

Primeiramente, São João teve a visão de “um grande sinal no céu” (aqui “céu” significa a Igreja, ou o Reino de Deus), “uma Mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça”; e quando ela estava prestes a dar à luz o Filho, apareceu “um grande dragão, cor de fogo”, ou seja, o espírito maligno, pronto “para devorar seu filho” (cf. *Ap* 12, 1-12) quando Ele nascesse. O Filho foi preservado por seu próprio poder divino, mas em seguida o espírito maligno perseguiu a mãe. São Miguel e seus anjos vieram em socorro dela, todavia, e venceram-no:

Houve no céu uma batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o Dragão, e o Dragão com os seus anjos pelejava contra ele; porém estes não prevaleceram, nem o seu lugar se encontrou mais no céu. E foi precipitado o grande Dragão, a antiga Serpente, que se chama Demônio e Satanás (*Ap* 12, 7-9).

Agora, assim como naquela ocasião, a Bem-aventurada Mãe de Deus tem exércitos de anjos que a servem; e ela é a Rainha deles.

10. Maria é o *Speculum Justitiæ*: o “Espelho da Justiça”

Aqui devemos considerar primeiramente o que se entende por *justiça*, pois a palavra, como a Igreja a utiliza, não tem o sentido que tem na língua comum. Por “justiça” não se entende a virtude da imparcialidade, equidade e probidade em nossas relações. Trata-se, antes, de uma palavra que denota todas as virtudes de uma vez, um estado de alma perfeito e virtuoso — retidão, ou perfeição moral, de modo que ela se aproxima muito do que se entende por *santidade*. Portanto, quando chamamos Nossa Senhora de “Espelho da Justiça”, dizemos que ela é o espelho da santidade, da pureza e da bondade sobrenatural.

Em segundo lugar, o que queremos dizer quando a chamamos de *espelho*? Um espelho é uma superfície que reflete algo, tal como o fazem a água parada, o aço polido ou o vidro. Ora, o que Maria refletiu? Ela refletiu Nosso Senhor, mas *Ele* é a própria *santidade* infinita. Assim, ela refletiu a santidade divina dele tanto quanto era possível a uma criatura. Por isso ela é o *Espelho* da Santidade, ou, como a Ladainha diz, da *Justiça*.

Perguntamo-nos, então: como ela veio a refletir a Santidade dele? Através da convivência com Ele. Vemos diariamente como as pessoas que vivem com aqueles que amam tornam-se semelhantes a eles. Quando vivem com aqueles a quem não amam (por exemplo, os membros de uma família que brigam uns com os outros), tornam-se cada vez mais diferentes uns dos outros com o passar do tempo. Mas, quando marido e mulher, pais e

filhos, irmãos e amigos se amam uns aos outros, tornam-se surpreendentemente parecidos com o passar do tempo. Todos nós percebemos esse fato, testemunhamos isso com nossos próprios olhos e ouvidos — na expressão dos traços, no timbre de voz, no jeito de andar, na linguagem e até mesmo na caligrafia. E o mesmo acontece com as mentes, opiniões, preferências e interesses. E novamente, sem dúvida, no estado de suas almas, que não vemos, seja para o bem ou para o mal. Não há dúvida de que isso também se aplica — para o bem ou para o mal — ao estado de suas almas, que não enxergamos.

Ora, levemos em conta que o amor de Maria por seu divino Filho era inefável; levemos em conta, também, que ela o teve só para si por trinta anos. Acaso não vemos que, como ela estava cheia de graça *antes* mesmo de o conceber em seu ventre, deve ter atingido uma vasta e incompreensível santidade por ter vivido perto de Deus por trinta anos? — Uma santidade de ordem angélica, que refletia os atributos de Deus com uma tal plenitude e exatidão que nenhum santo, eremita ou virgem sobre a terra poderia [jamais] sequer evocar. Portanto, ela é realmente o *Speculum Justitiæ*, o *Espelho da Perfeição* divina.

11. Maria é a *Sedes Sapientiæ*: a “Sede da Sabedoria”

Maria tem esse título em sua ladainha porque nela habitou o Filho de Deus, que também é chamado na Escritura “Palavra e Sabedoria de Deus”. Além disso, depois do nascimento dele, ela o carregou nos braços e o pôs no colo nos primeiros anos de sua vida. Assim, por ser de certo modo o trono humano daquele que reina nos céus, ela é chamada *Sede da Sabedoria*. Nas palavras do poeta:⁶

O trono dele, ó Mãe Imaculada,
é vosso seio bem-aventurado.
Debaixo dos céus não há outro igual
Que convenha ao Menino sem pecado.

Mas a tutela de Maria sobre Jesus foi além da infância dele, pois, como São Lucas nos conta, Ele ficou submetido à sua autoridade e viveu com ela em sua casa até o dia em que saiu para pregar, ou seja, por pelo menos trinta anos. Isso nos leva a uma reflexão sobre Maria semelhante à que nos foi sugerida ontem pelo título de “Espelho da Justiça”. Se essa intimidade contínua

6. O poeta em questão é o sacerdote anglicano John Keble (1792–1866), um dos líderes do Movimento de Oxford. O trecho em questão foi retirado do poema *Bless'd are the pure in heart*, “Felizes os puros de coração”. Fizemos aqui uma tradução mais ou menos livre dos versos originais: *His throne, thy bosom blest, / O Mother undefiled, / That Throne, if aught beneath the skies, / Beseems the sinless Child.* (N.T.)

com o Filho suscitou nela uma santidade inimaginavelmente grande, acaso o conhecimento adquirido por ela durante tanto tempo — nas conversas que teve com Ele sobre o presente, passado e futuro — também não fora tão vasto, profundo, diversificado e completo a ponto de ter feito seu conhecimento sobre a criação, o universo e a história superar o dos maiores filósofos, seu conhecimento teológico superar o dos maiores teólogos e seu discernimento profético ser mais privilegiado que o dos profetas, embora ela fosse uma mulher pobre e destituída de vantagens humanas?

Qual teria sido o grande tema das conversas entre ela e seu Filho senão a natureza, os atributos, a providência e as obras do Deus todo-poderoso? Porventura não estaria Nosso Senhor sempre glorificando o Pai que o enviou? Acaso Ele não revelaria a ela os solenes decretos eternos, os propósitos e a vontade de Deus? Não a iluminaria, de tempos em tempos, em relação a todos os pontos doutrinários que foram primeiro discutidos e depois estabelecidos na Igreja desde a época dos Apóstolos até agora, e em relação a tudo o que será debatido até o fim — na verdade, tudo isso e muito mais? Tudo o que é obscuro, tudo o que é fragmentado na revelação, seria, na medida em que o conhecimento é possível ao homem, apresentado a ela de forma clara e simples por aquele que é a Luz do mundo (cf. *Jo* 8, 12).

E o mesmo se aplica aos eventos que estão por vir. Deus falou aos profetas: as Sagradas Escrituras registraram as comunicações que Ele dirigiu a eles. Mas Ele lhes falou por meio de parábolas e figuras. A um deles — a saber, Moisés — Ele dignou-se falar face a face. “Se entre vós algum é profeta do Senhor”, Deus diz, “eu lhe aparecerei em visão, ou lhe falarei em sonhos. Mas não é assim a respeito do meu servo Moisés... A ele eu falo cara a cara: ele vê o Senhor claramente, e não sob enigmas e figuras” (*Nm* 12, 6-8). Esse foi o grande privilégio do

inspirado Legislador dos judeus, mas quanto era inferior ao de Maria! O privilégio de Moisés era ocasional, intermitente, mas Maria viu e ouviu Jesus durante trinta anos contínuos. Como esteve frente a frente com Ele durante todo esse tempo, podia fazer-lhe qualquer pergunta para a qual desejasse explicação, sabendo que as respostas que receberia eram do Deus eterno, que não engana nem pode ser enganado.

12. Maria é a *Janua Cœli*: a “Porta do Céu”

Maria é chamada *Porta do Céu* porque foi através dela que Nosso Senhor passou do Céu à terra. O profeta Ezequiel diz o seguinte ao realizar uma previsão sobre Maria: “O Senhor disse-me: Este pórtico estará fechado: não se abrirá, ninguém passará por ele, porque o Senhor Deus de Israel por aí passou: ficará fechado. Porém o príncipe, como príncipe sentar-se-à nele” (*Ez 44, 2-3*).

Essa profecia se cumpriu não somente pelo fato de Nosso Senhor ter tomado a carne dela, tornando-se seu Filho, mas também por ela ter um lugar na economia da Redenção. A profecia se cumpriu no espírito, na vontade e no corpo dela. Eva teve uma participação na queda do homem, embora fosse Adão o nosso representante, e [aquele] cujo pecado nos tornou pecadores. Foi Eva quem começou e tentou Adão. A Sagrada Escritura diz: “Viu, pois, a mulher que (o fruto) do árvore era bom para comer, formoso aos olhos e desejável para alcançar a sabedoria, e tirou do fruto dela, e comeu: e deu a seu marido, que também comeu” (*Gn 3, 6*). Portanto, segundo a misericórdia de Deus, era apropriado que, assim como a mulher deu início à *destruição* do mundo, a mulher também devesse começar sua *restauração*; e que, assim como Eva abriu o caminho para o ato fatal do primeiro Adão, Maria devia abrir o caminho para a grande conquista do segundo Adão — na verdade, Nosso Senhor Jesus Cristo —, que veio para salvar o mundo morrendo

por ele na Cruz. Daí que Maria seja considerada pelos Santos Padres uma segunda Eva, superior à primeira, por ter dado aquele primeiro passo para a salvação da humanidade, assim como deu Eva para a sua ruína.

Como e quando Maria participou — desde o início — da restauração do mundo? Foi quando o anjo Gabriel lhe apareceu para anunciar a elevada dignidade de seu destino. São Paulo nos instrui: “[Rogo-vos que] ofereçais os vossos corpos como uma hóstia viva” (*Rm* 12, 1). Não devemos só rezar com os lábios, jejuar, fazer penitência exterior e preservar a castidade dos nossos corpos; devemos também ser obedientes e puros em nossas mentes. E assim, em relação à Bem-aventurada, era vontade de Deus que ela aceitasse *voluntariamente* e com *pleno entendimento* ser a Mãe de Nosso Senhor, e não um mero instrumento passivo cuja maternidade não teria nem mérito nem recompensa. Quanto mais elevados são os nossos dons, mais graves são os nossos deveres. Não era um destino fácil estar tão intimamente próxima do Redentor dos homens, algo que ela pôde experimentar depois quando sofreu com Ele. Portanto, ponderando bem as palavras do anjo antes de dar-lhes uma resposta, primeiro ela perguntou se um papel tão elevado a faria perder a virgindade que havia jurado [guardar]. Então, quando o anjo lhe respondeu que não, ela disse com o pleno consentimento de um coração pleno, cheio do amor de Deus por ela e de sua própria humildade: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim (segundo) a tua palavra” (*Lc* 1, 38). Foi por esse consentimento que ela se tornou a *Porta do Céu*.

13. Maria é a *Mater Creatoris*: a “Mãe do Criador”

Dentre todos os outros títulos, este nos parecia impossível ser atribuído a qualquer criatura. À primeira vista, poderíamos ser tentados a dizer que ele confunde nossas ideias primárias a respeito do Criador e da criatura, do Eterno e do temporal, do Autossubsistente⁷ e do dependente. No entanto, após uma análise mais profunda, veremos que não é possível recusar o título a Maria sem negar a Encarnação divina — isto é, a grande e fundamental verdade da revelação: de que Deus se fez homem.

E isso foi constatado já na primeira era da Igreja. Desde o início, os cristãos estavam acostumados a chamar a Santíssima Virgem de “Mãe de Deus”, porque entenderam que era impossível negar-lhe esse título sem negar as palavras de São João: “O Verbo — ou seja, o Filho de Deus — se fez carne” (Jo 1, 14).

E logo foi necessário proclamar essa verdade pela voz de um Concílio Ecumênico da Igreja. Pois, por causa da aversão que os homens têm ao mistério, surgiu um erro segundo o qual Nosso Senhor não era realmente Deus, mas homem, diferindo

7. Deus é o ser que subsiste por si mesmo (daí *autossubsistente*), que a ninguém deve a sua existência, que existe independentemente de qualquer coisa. O mesmo não se dá com as criaturas, que só existem porque alguém as criou, dando-lhes o ser e a existência (daí o serem *dependentes*). (N.T.)

de nós somente em relação ao seguinte aspecto: assim como Deus habita em todos os homens bons, Deus habitava nele, mas num grau mais elevado; assim como o Espírito Santo habitava nos anjos e profetas, como numa espécie de templo; ou também como Nosso Senhor agora habita no tabernáculo da igreja.⁸ Enfim, os bispos e fiéis perceberam que não havia outro meio de impedir que essa alegação falsa e errada fosse ensinada, senão declarando de modo inequívoco, e tornando matéria de fé, que Maria era a Mãe não só do homem, mas de Deus. E desde então o título de Maria como *Mãe de Deus* se tornou na Igreja o que chamamos de dogma ou artigo de fé.

Mas isso nos leva a uma visão mais ampla do assunto. Seria esse título dado a Maria mais magnífico que a doutrina segundo a qual Deus, sem deixar de ser Deus, deveria se tornar homem? O que é mais misterioso: que Maria seja Mãe de Deus ou que *Deus* se torne *homem*? Todavia, como eu disse, este último ponto é a verdade elementar da revelação, testemunhada por Profetas, Evangelistas e Apóstolos em toda a Sagrada Escritura. E o que pode ser mais consolador e alegre do que as maravilhosas promessas decorrentes desta verdade, de que Maria é a Mãe de Deus? [São elas] o grande milagre que nos torna irmãos de nosso Deus; o fato de que, se vivermos bem e morrermos na graça de Deus, todos nós seremos, no futuro, levados por nosso Deus encarnado ao lugar onde habitam os anjos; de que nossos corpos serão ressuscitados do pó e levados aos céus; de que estaremos verdadeiramente unidos a Deus; de que seremos participantes da natureza divina; de que cada um de nós, alma e corpo, será mergulhado no abismo de glória que envolve o Todo-poderoso; de que o

8. Só para que fique bem claro: o modo como Jesus habita no tabernáculo da igreja é uma coisa; o modo como está presente no Santíssimo Sacramento é outra bem diferente. (N.T.)

veremos e compartilharemos sua bem-aventurança, “porque — segundo o texto [bíblico] — todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe” (*Mt* 12, 50).

14. Maria é a *Mater Christi*: a “Mãe de Cristo”

Cada um dos títulos de Maria tem seu próprio significado especial e pode ser tema de uma meditação distinta. Ela é invocada por nós como *Mãe de Cristo*. Quando nos dirigimos a ela desse modo, qual é o impacto causado? Recordamos que Maria é aquela que, desde o princípio, foi profetizada e associada às esperanças e orações de todos os homens santos, de todos os verdadeiros devotos de Deus, de todos aqueles “de Jerusalém que esperavam a redenção” (Lc 2, 38) em todas as épocas antes que essa redenção viesse.

Nosso Senhor era chamado de Cristo (ou Messias) pelos profetas judeus e pelo povo judeu. As duas palavras, Cristo e Messias, têm o mesmo significado. Elas significam “o Ungido”. Antigamente, eram três os grandes ministérios ou ofícios por meio dos quais Deus falava ao seu povo escolhido, os israelitas (ou, como seriam chamados mais tarde, os judeus): o ofício de sacerdote, o de rei e o de profeta. Aqueles que eram escolhidos por Deus para um ou outro desses ofícios eram solenemente ungidos com óleo — o óleo significa a graça de Deus, que lhes era dada para o devido cumprimento de seus elevados deveres. Mas Nosso Senhor era ao mesmo tempo sacerdote, profeta e rei — sacerdote, porque ofereceu a si mesmo como sacrifício por nossos pecados; profeta, porque nos revelou a santa lei de Deus; e rei, porque nos governa. É Ele, portanto, o verdadeiro Cristo.

Foi na expectativa desse grande Messias que o povo escolhido, os judeus (ou israelitas ou hebreus, pois esses são diferentes nomes para o mesmo povo) mantinham-se vigilantes era após era. Era Ele quem devia vir para pôr em ordem todas as coisas. E junto da grande pergunta que ocupava as suas mentes, ou seja, [de] *quando* Ele viria, havia a pergunta: *quem* seria a Mãe dele? Desde o princípio lhes fora dito que Ele não viria do Céu, mas que nasceria de uma mulher. No tempo da queda de Adão, Deus havia dito que a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Quem, então, seria essa mulher prenunciada de modo tão expressivo para a raça decaída de Adão? Depois de muitos séculos, os judeus receberam mais uma revelação: o grande Messias, ou Cristo, a descendência da mulher, nasceria de sua raça e de uma tribo específica dentre as doze nas quais essa raça estava dividida. A partir desse momento, toda mulher dessa tribo esperava ter o grande privilégio de ser a Mãe do Messias, ou Cristo. Era algo lógico: assim como Ele era muito grandioso, a Mãe dele também deveria ser grandiosa, bondosa e santa. Esta é uma das razões pelas quais eles valorizavam tanto o matrimônio: porque, desconhecendo o mistério da concepção miraculosa do Cristo quando Ele efetivamente viesse, pensavam que o rito do casamento era a disposição necessária para a sua vinda.

Sendo assim, se Maria fosse como outras mulheres, teria esperado ansiosamente pelo casamento, vislumbrando nele a possibilidade de dar à luz o grande rei. Mas ela era muito humilde e pura para tais pensamentos. Ela havia sido inspirada a escolher um caminho superior para servir a Deus, o qual não havia sido revelado aos judeus — o estado de virgindade. Ela preferiu ser sua esposa a ser sua mãe. Assim, quando o anjo Gabriel anunciou-lhe o seu elevado destino, ela o evitou até ter a garantia de que isso não a obrigaria a revogar seu propósito de uma vida virginal dedicada ao seu Deus.

Portanto, foi assim que ela se tornou a Mãe de Cristo: não como as mulheres piedosas esperavam há tantos séculos, mas, rejeitando a graça de tal maternidade, ela a obteve por meio de uma graça mais elevada. E este é o significado integral das palavras de Santa Isabel, quando a Santíssima Virgem foi visitá-la, [palavras] que usamos na Ave-Maria: “Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre”. E é por isso que na devoção chamada “Coroa das Doze Estrelas” nós louvamos a Deus Espírito Santo, que fez dela *ao mesmo tempo* Virgem e Mãe.⁹

9. Esta devoção, embora pouco conhecida, era recomendada por vários santos e possui várias versões à disposição na internet, uma atribuída a São José de Calasanz e outra a São João Berchmans. Baseia-se na coroa descrita no Apocalipse de São João, e consiste em 12 louvores à Santíssima Trindade (4 a cada uma de suas Pessoas) pelas maravilhas que operou na vida de Nossa Senhora. (N.T.)

15. Maria é a *Mater Salvatoris*: a “Mãe do Salvador”

Novamente, assim como nas reflexões anteriores, devemos entender o que significa chamar Nosso Senhor de Salvador, para compreender por que esse termo é usado para formar um dos títulos de Maria em sua ladainha.

O nome especial pelo qual Nosso Senhor era conhecido dos judeus antes de sua vinda era Messias ou Cristo. Mas, quando Ele realmente se manifestou na terra, passou a ser conhecido por três novos títulos: Filho de Deus, Filho do Homem e Salvador. O primeiro expressa sua natureza divina; o segundo, sua natureza humana; o terceiro, seu ofício pessoal. Assim, o anjo que apareceu a Maria chamou-o de Filho de Deus; o anjo que apareceu a José chamou-o de *Jesus*, que significa *Salvador*; e da mesma forma os anjos também o chamaram de Salvador quando apareceram aos pastores. Porém, Ele se refere a si mesmo especialmente como Filho do Homem.

Não são somente os anjos que o chamam de Salvador, mas também os dois maiores Apóstolos, São Pedro e São Paulo, em suas primeiras pregações. São Pedro diz que Ele é “Príncipe e Salvador” e São Paulo diz: “um Salvador, Jesus” (*Ft* 3, 20). E tanto os anjos quanto os Apóstolos nos dizem por que Ele é chamado assim — porque nos resgatou do poder do espírito maligno, e da culpa e miséria de nossos pecados. Assim disse o anjo a José: “Porás o nome de Jesus, *porque* ele salvará o seu povo dos seus pecados” (*Mt* 1, 21); e São Pedro: “A este elevou

Deus com a sua destra como Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados” (*At 5, 31*). E Ele mesmo diz: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido” (*Lc 19, 10*).

Ora, consideremos como isso afeta as nossas reflexões sobre Maria. Resgatar escravos do poder do inimigo implica um conflito. Nosso Senhor era um guerreiro porque era o Salvador. Logo, Ele não poderia libertar os cativos sem luta ou sem sofrimento pessoal. Ora, quem são aqueles que odeiam guerras de um modo especial? Um poeta pagão nos responde. “As guerras”, ele diz, “são detestadas pelas mães”.¹⁰ As mães são justamente aquelas que sofrem de modo especial em uma guerra. Elas podem gloriar-se da honra conquistada por seus filhos, mas mesmo assim tal glória não apaga nem um pouco da dor prolongada, da ansiedade, da dúvida, da desolação e da angústia sentidas pela mãe de um soldado. Assim foi com Maria. Por trinta anos, ela foi agraciada com a presença contínua de seu Filho — sim, Ele se submeteu a ela. Todavia, chegou o momento em que aquela guerra o chamou, [a guerra] para a qual Ele viera ao mundo. Certamente Ele veio não só para ser o Filho de Maria, mas para ser o Salvador do Homem, e assim, finalmente, Ele se separou dela. Ela soube *naquele momento* o que significava ser a mãe de um soldado. Ele a deixou; ela não o viu mais e tentou em vão se aproximar dele. Ele vivera por anos no abraço de Maria e, depois disso, pelo menos na casa dela, mas agora, em suas próprias palavras, “o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (*Lc 9, 58*). Então, com o passar dos anos, ela ouviu falar de sua prisão, da fraude de seu julga-

10. “*Bella... matribus detestata*, ‘As guerras detestadas pelas mães’ (Horácio, *Odes*, Livro I, 1, 24-25). — Expressão referente à carreira militar, incluída pelo poeta numa enumeração das profissões que se apresentam aos homens” (Paulo Rónai, *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 43).

mento, de sua Paixão. Finalmente ela se aproximou dele. [Mas] quando e onde? No caminho para o Calvário, e quando Ele foi erguido sobre a Cruz. Por fim ela o segurou novamente em seus braços: sim, quando Ele estava morto. É verdade que Ele ressuscitou dos mortos, mas ainda assim ela não o teve de volta, pois Ele subiu aos céus, mas ela não o seguiu de imediato. Não, ela permaneceu na terra por muitos anos — sob os cuidados do amado Apóstolo de seu Filho, São João. Mas o que eram até mesmo os homens mais santos, comparados ao seu próprio Filho, e Filho de Deus? Ó Santa Maria, Mãe do Nosso Salvador, nesta meditação passamos subitamente dos mistérios gozosos para os dolorosos, da Anunciação que vos fez Gabriel para as [vossas] sete dores. Essa será, então, a próxima série de meditações que faremos sobre vós.

III.
AS DORES
DE NOSSA
SENHORA

16. Maria é a *Regina Martyrum*: a “Rainha dos Mártires”

Por que a chamamos assim [de Rainha dos Mártires] — ela [Maria] que nunca sofreu nenhum golpe, ferimento ou outra lesão em seu corpo consagrado? Como é possível que ela seja exaltada acima daqueles cujos corpos sofreram as violências mais cruéis e os tormentos mais agudos por amor a Nosso Senhor? Ela é, de fato, Rainha de todos os Santos, daquelas [pessoas] sobre as quais Cristo disse: “Acompanhar-me-ão vestidas de branco, porque são dignas disso” (*Ap* 3, 4); mas de que modo é a Rainha daqueles “que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que tinham” (*Ap* 6, 9)?

Para responder a essa pergunta, devemos lembrar que as dores da alma podem ser tão intensas quanto as do corpo. Os maus que agora estão no Inferno e os eleitos de Deus que estão no Purgatório experimentam o sofrimento apenas na alma, pois seus corpos ainda estão na terra; no entanto, quão severo é esse sofrimento! E talvez a maioria das pessoas que viveram muito tempo possa dar testemunho, com os seus próprios corpos, da intensidade do sofrimento, semelhante a uma espada que as cortava, e do peso e da força da tristeza que pareciam derrubá-las, embora não houvesse dor física.

Que horror avassalador deve ter sido para a Bem-aventurada Virgem Maria testemunhar a Paixão e a Crucificação de seu Filho! Sua angústia foi, como São Simeão lhe anunciara no momento da Apresentação de seu Filho no Templo, uma es-

pada perfurando a sua alma. Nem mesmo Nosso Senhor pôde suportar a perspectiva do que estava diante dele, e um suor de sangue o cobriu só em pensá-lo: assim agiu a sua alma sobre o seu corpo. Isso não mostra quão grande pode ser o sofrimento mental? Seria extraordinário, então, que a mente e o coração de Maria desmornassem enquanto ela se conservava de pé junto à Cruz?¹¹

Portanto, ela é verdadeiramente a Rainha dos *Mártires*.

11. Há aqui um jogo de palavras entre a mente e o coração de Maria, que desmornaram (*had given way*), e o seu corpo, que permaneceu de pé (*stood*). (N.T.)

17. Maria é o *Vas Insigne Devotionis*: o “Vaso Insigne de Devoção”

O *devoto* é aquele que se dedica a algo. Sabemos o que significa ser uma esposa ou uma filha dedicada. É alguém cujos pensamentos se concentram na pessoa profundamente amada e querida. Ele a persegue com os olhos; está sempre à procura de meios para servi-la; e, se os seus serviços são modestos, isso só mostra o quanto são íntimos e constantes. E, sobretudo, se o objeto do amor do devoto estiver fraco, sofrendo ou próximo da morte, ele vive a vida da pessoa amada com ainda mais intensidade e só pensa nela.

Essa profunda devoção a Nosso Senhor, que leva a pessoa a esquecer-se de si por amor a Ele, é exemplificada em São Paulo, que diz: “[Porque julguei que] não devia saber coisa alguma... senão a Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2, 2). E novamente: “Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. A vida (sobrenatural) com que vivo agora na carne, vivo-a da fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2, 20).

Todavia, por mais profunda que fosse a devoção de São Paulo a Nosso Senhor, a da Bem-aventurada Virgem era ainda mais profunda, porque ela era Mãe dele; porque Ele e todos os seus sofrimentos estavam diante dela; porque ela tinha uma longa intimidade de trinta anos junto dele e porque, devido à sua extraordinária santidade, ela estava tão inefavelmente próxima dele em espírito. Quando Ele foi ridicularizado, ferido, açoita-

do e pregado na Cruz, ela sentiu isso com tanta intensidade, que todas as injúrias e torturas infligidas a Ele pareciam tê-la atingido. Ela poderia ter gritado de agonia a cada golpe recebido por Ele.

Isto é o que chamamos *compaixão* de Maria, ou seu sofrimento em união com seu Filho, e é por isso que ela é chamada “Vaso Insigne de *Devoção*”.

18. Maria é o *Vas Honorabile*: o “Vaso Honorífico”

São Paulo chama as almas eleitas de vasos honoríficos: “honoríficos”, por serem eleitas ou escolhidas; “vasos”, porque o amor de Deus as enche com sua graça santificante e celestial.¹² Sendo assim, Maria é ainda mais propriamente um vaso honorífico, pelo fato de ter dentro de si não só a graça de Deus, mas o próprio Filho de Deus, cujo corpo e sangue foram formados a partir dela!

Mas este título (“honorífico”), quando aplicado a Maria, admite um sentido adicional e especial. Ela foi mártir sem a grosseira *desonra* que acompanhou os sofrimentos dos mártires. Eles eram capturados, arrastados, lançados na prisão com os criminosos mais vis e atacados com as palavras mais blasfemas e os discursos mais sórdidos que Satanás poderia inspirar. Na verdade, essa foi também a provação inefável das santas mulheres, jovens senhoras, esposas de Cristo, que os pagãos capturaram, torturaram e mataram. Acima de tudo, Nosso Senhor, cuja santidade era superior à de qualquer excelência criada ou vaso de graça — até mesmo Ele, como bem sabemos, foi açoitado, despojado, escarnecido, arrastado e depois esticado, pregado, levantado na Cruz, ante o olhar de uma multidão brutal.

12. Ver nota 4, na página 28.

Mas Ele, que suportou a vergonha do pecador pelos pecadores, poupou sua Mãe imaculada desta suprema desonra. Ela não sofreu no corpo, mas na alma. É verdade que ela sofreu ao ver o sofrimento dele; ela também sofreu uma espécie de paixão junto com a dele; foi crucificada com Ele; a lança que perfurou o peito dele também lhe perfurou o espírito. No entanto, não houve sinais visíveis desse martírio íntimo; ela permaneceu de pé, serena, imóvel, solitária, sob a Cruz de seu Filho, cercada por anjos e envolta em sua santidade virginal, sem ser notada por todos os que participavam da Crucificação.

19. Maria é o *Vas Spirituale*: o “Vaso Espiritual”

Ser espiritual é viver no mundo dos espíritos — como nos diz São Paulo: “Nós, porém, somos cidadãos dos céus” (*Fl* 3, 20). Ter uma *disposição espiritual* significa enxergar com os olhos da fé todas aquelas criaturas boas e santas que nos rodeiam, ainda que não as vejamos com os nossos olhos físicos; [significa] enxergá-las com os olhos da fé, com a mesma intensidade com que vemos as coisas da terra — o campo verde, o céu azul e o sol a brilhar. Portanto, quando as almas santas são favorecidas com visões celestiais, tais visões são simplesmente as continuações extraordinárias e a coroação, por meio de uma intuição divina, de objetos que, pela operação ordinária da graça, estão sempre diante de suas mentes.

Essas visões consolaram e fortaleceram a Bem-aventurada Virgem em todas as suas tristezas. Os anjos que a cercavam a compreendiam, e ela os compreendia com uma objetividade que não se pode esperar em nossa comunicação com eles, pois herdamos de Adão a mancha do pecado. Não há dúvida quanto a isso, mas de qualquer modo nunca nos esqueçamos que, assim como ela foi consolada pelos anjos em seus momentos de tristeza, também é um privilégio nosso receber, nas muitas provações da vida, consolações dos mesmos mensageiros celestiais do Altíssimo, ainda que num grau correspondente à nossa natureza; na verdade, elas vêm do próprio Deus todo-poderoso, a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que assumiu para si o ofício de ser nosso Paráclito, ou Auxílio presente.

Que todos aqueles que enfrentam adversidades recebam essa consolação, caso estejam se esforçando para ter uma vida espiritual. Se clamarem a Deus, Ele lhes responderá. Mesmo que não tenham um amigo terreno, [saibam que] têm a Ele, que, assim como se compadeceu de sua Mãe quando estava na Cruz, agora que está em sua glória se compadece do [membro] inferior e mais fraco do seu povo.

20. Maria é a *Consolatrix Afflictorum*: a “Consoladora dos Aflitos”

São Paulo nos diz que o Senhor o confortou em todas as suas tribulações, para que também ele pudesse confortar aqueles que estão angustiados, com o encorajamento que recebeu de Deus (cf. *2Cor* 1, 4). Este é o segredo da verdadeira consolação: aqueles que podem confortar os outros são os que, em seu próprio caso, foram muito provados, sentiram a necessidade de consolação e a receberam. Assim também é dito de Nosso Senhor: “Por isso, porque ele mesmo sofreu e foi tentado, é que pode socorrer aqueles que são tentados” (*Hb* 2, 18).

Por isso a Bem-aventurada Virgem é a consoladora dos aflitos. Todos nós sabemos o quão especial é o consolo de uma mãe, e podemos chamar Maria de nossa Mãe desde o momento em que Nosso Senhor, na Cruz, estabeleceu a relação de mãe e filho entre ela e São João. E ela pode nos consolar de um modo especial, pois sofreu mais que as outras mães. As mulheres, pelo menos as delicadas, geralmente são poupadas da experiência rude dos caminhos do mundo, mas ela, após a Ascensão de Nosso Senhor, foi enviada a terras estrangeiras quase como os Apóstolos, uma ovelha entre lobos. Apesar de toda a solícitude de São João para com ela, tão grande como a de São José na sua juventude, ela, mais que todos os santos de Deus, era uma estrangeira e peregrina na terra, em comparação com seu grande amor por aquele que estivera na terra e partira. Como, quando Nosso Senhor era um infante, ela teve

de fugir através do deserto para o Egito pagão, assim, quando Ele subira aos céus, ela teve de embarcar para a cidade pagã de Éfeso, onde viveu e morreu.

Ó vós que estais no meio de vizinhos rudes ou companheiros escarnecedores, ou conhecidos malignos, ou inimigos maliciosos, e estais desamparados, invocai a ajuda de Maria pela lembrança de seus próprios sofrimentos entre os pagãos gregos e os pagãos egípcios.

21. Maria é a *Virgo Prudentissima*: a “Virgem prudentíssima”

À primeira vista, talvez não fique claro de que modo a virtude da prudência está conectada com as provações e tristezas da vida de Nossa Senhora; no entanto, há um ponto de vista que nos recorda sua prudência durante essas provações. Devemos recordar que ela é o grande exemplo não só da vida contemplativa, mas também da vida prática; e a vida prática, quando bem realizada, é ao mesmo tempo uma vida de penitência e prudência. Ora, Maria estava tão cheia de trabalho externo e serviço árduo quanto qualquer irmã da caridade nos dias de hoje.¹³ Naturalmente, suas responsabilidades variaram de acordo com as etapas de sua vida (como jovem solteira, esposa, mãe ou viúva), mas ainda assim sua vida estava repleta de deveres dia após dia e hora após hora. Quando foi estrangeira no Egito, ela tinha deveres para com os pagãos pobres em meio aos quais foi jogada. Quando morou em Nazaré, tinha seus deveres para com parentes e vizinhos. Embora não registrados, ela teve deveres durante os anos em que Nosso Senhor pregou e proclamou o seu Reino. Depois que Ele deixou este mundo, ela teve obrigações para com os Apóstolos e particularmente

13. Muitas comunidades religiosas femininas trazem no nome esta expressão: “irmãs da caridade”. Mas, de todas, a mais antiga é sem dúvida a que São Vicente de Paulo fundou no século XVII, na França. Curiosamente, também os anglicanos possuem, desde 1869, uma ordem religiosa de mesmo nome, e que segue a regra do santo católico francês. (N.T.)

para com os evangelistas. Teve deveres para com os mártires e os confessores na prisão; para com os doentes, ignorantes e pobres. Depois, junto de São João, ela teve de procurar outra terra [para morar], e uma [terra] pagã, onde ocorreu sua morte bem-aventurada. Mas, antes de morrer, quanto ela não deve ter sofrido vivendo em meio a um povo idólatra! Certamente os anjos impediram que ela visse os piores crimes ali cometidos. Ainda assim, ela teve muitas obrigações por lá e, conseqüentemente, teve muitos méritos. Todos os seus atos foram perfeitos, atingiram o grau máximo de perfeição possível. Ora, quem está sempre alerta, vigilante e entusiasmado, de modo a ser capaz de agir não apenas sem pecado, mas da melhor maneira possível, nas circunstâncias variáveis de cada dia, tem uma vida de vigilância incansável. Pois bem, é a prudência a virtude que governa tal vida. Portanto, é em razão das dores e tristezas de sua peregrinação terrena que podemos invocá-la como a *Virgo prudentissima*.

22. Maria é a *Turris Eburnea*: a “Torre de Marfim”

Uma torre é uma estrutura mais elevada e mais visível que outros objetos ao seu redor. Assim, quando dizemos que um homem “se eleva” sobre seus semelhantes, queremos dizer que eles parecem pequenos se comparados a ele.

A Bem-aventurada Virgem Maria é um exemplo desse tipo de grandeza. Embora ela tenha sofrido uma angústia mais aguda e íntima na Paixão e Crucificação de Nosso Senhor do que qualquer um dos Apóstolos, pois é Mãe dele, consideremos quão mais nobre do que eles foi Maria em meio a sua profunda angústia. Quando Nosso Senhor passou por sua agonia, eles dormiram de tristeza. Não conseguiram lidar com aquela profunda decepção e desalento; não foram capazes de dominar tais sentimentos, que os confundiram, entorpeceram e venceram seus sentidos. E, logo depois, quando São Pedro foi questionado por espectadores se era ou não um dos discípulos de Nosso Senhor, ele negou.

Mas ele não ficou desacompanhado nesse ato de covardia. Os Apóstolos, todos eles, abandonaram Nosso Senhor e fugiram, embora São João tenha retornado. Na verdade, foi mais do que isso, pois eles até perderam a fé nele e acharam que todas as grandes expectativas que Ele havia criado neles tinham terminado em fracasso. Quão distinta não foi esta postura até mesmo da conduta corajosa de Santa Maria Madalena! E, mais ainda, da conduta da Virgem Mãe! Os Evangelhos registram

expressamente que ela *estava de pé* junto à Cruz (cf. Jo 19, 25). Ela não se prostrou, mas *permaneceu de pé* para receber os golpes e os ferimentos que a longa Paixão de seu Filho lhe infligiu a cada momento.

Em relação a essa magnanimidade e generosidade no sofrimento, ela é, em comparação com os Apóstolos, apropriadamente comparada a uma Torre. Mas as torres, pode-se dizer, são estruturas enormes, ásperas, pesadas, intrusivas, desprovidas de graça, criadas para fins de guerra, não de paz; não possuem nenhuma parcela da beleza, do refinamento e do acabamento que são evidentes em Maria. Isso é verdade, e por essa razão ela é chamada *Torre de Marfim*, para nos sugerir, pela luminosidade, pureza e requinte desse material, o quão transcendente é o encanto e a gentileza da Mãe de Deus.

IV.
SOBRE A
ASSUNÇÃO

23. Maria é a *Sancta Dei Genetrix*: a “Santa Mãe de Deus”

Assim que apreendemos pela fé a grande verdade fundamental de que Maria é a Mãe de Deus, outras verdades maravilhosas se lhe seguem em sucessão; e uma delas é que ela foi isenta do destino comum dos mortais, que consiste não só em morrer, mas em tornar-se terra com a terra, cinzas com as cinzas, pó com o pó. Ela devia morrer, e assim o fez, como morreu seu divino Filho, pois era homem; mas assomaram-se aos santos escritores várias razões pelas quais, ainda que seu corpo tenha sido, por um tempo, separado de sua alma e confinado ao túmulo, ele não permaneceu aí, mas foi logo reunido à sua alma e elevado por Nosso Senhor a uma nova e eterna vida de glória celestial.

E a razão mais óbvia para essa conclusão é esta: que *outros* servos de Deus foram ressuscitados do túmulo pelo poder de Deus; e não se pode supor que Nosso Senhor tenha concedido tal privilégio a qualquer outra pessoa sem que o concedesse também à sua própria mãe.

São Mateus nos diz que, após a morte de Nosso Senhor na Cruz, “abriram-se as sepulturas, e muitos corpos de santos, que tinham adormecido” — ou seja, que estavam dormindo o sono da morte — “ressuscitaram, e saindo das sepulturas depois da ressurreição de Jesus, foram à cidade santa, e apareceram a muitos” (*Mt* 27, 52-53). Diz São Mateus que “*muitos* corpos de santos” — isto é, dos santos profetas, sacerdotes e reis dos

tempos antigos — ressuscitaram como prefiguração do [que se dará no] último dia.

[Ora], acaso podemos supor que Abraão, Davi, Isaías ou Ezequias tenham sido assim favorecidos, e não a própria Mãe de Deus? Não tinha ela privilégio sobre o amor de seu Filho para receber o mesmo que quaisquer outros tivessem recebido? Não estava ela mais próxima de Jesus do que os maiores dos santos que a precederam? É concebível que a lei do túmulo admita exceções para eles e não para ela? Declaramos, pois, com confiança que Nosso Senhor, tendo-a preservado do pecado e das consequências do pecado por sua Paixão, não perdeu tempo em derramar por completo os méritos dessa Paixão tanto sobre o seu corpo quanto sobre a sua alma.

24. Maria é a *Mater Intemerata*: a “Mãe Imaculada”

Outra consideração que tem levado mentes devotas a crer na Assunção de Nossa Senhora aos céus após a sua morte, sem esperar pela ressurreição geral no último dia, é fornecida pela doutrina de sua Imaculada Conceição.

Por sua Imaculada Conceição entende-se não só que Maria nunca cometeu qualquer pecado que seja, nem mesmo venial, seja em pensamento, palavra ou ação; mas, mais do que isso, que a culpa de Adão, ou o que se chama de pecado original, nunca foi sua, como é de todos os outros descendentes de Adão.

Por sua Assunção entende-se que não só a sua alma, mas também o seu corpo, foram elevados aos céus após a sua morte, de modo que seu corpo não repousou na sepultura por um longo período, como é o caso de outros — até mesmo grandes santos — que aguardam o último dia para a ressurreição de seus corpos.

Uma razão para acreditar na Assunção de Nossa Senhora é que seu divino Filho a amava demais para permitir que seu corpo permanecesse na sepultura. Uma segunda razão — que temos agora diante de nós — é que ela não era somente amada pelo Senhor como uma mãe é amada por um filho, mas também que ela era transcendentalmente santa, repleta e transbordante de graça. Adão e Eva foram criados justos e sem pecado, e receberam uma larga medida da graça de Deus; e, como conse-

quência, seus corpos jamais teriam se transformado em pó se eles não tivessem pecado; após o que lhes foi dito: “Tu és pó, e em pó te hás de tornar” (*Gn 3, 19*).

[Ora], se Eva, a bela filha de Deus, nunca teria se tornado pó e cinzas se não houvesse pecado, não deveríamos dizer que, não havendo pecado jamais, Maria reteve o dom perdido por Eva ao pecar? O que teria feito Maria para perder o privilégio concedido no princípio aos nossos primeiros pais? Acaso devia sua beleza transformar-se em corrupção, e ofuscar-se o brilho de seu ouro fino sem motivo algum? Impossível! Por isso acreditamos que, embora tenha morrido por um breve período de tempo, como o próprio Senhor, ela — assim como Ele, e pelo poder ilimitado dele — foi ressuscitada da sepultura.

25. Maria é a *Rosa Mystica*: a “Rosa Mística”

Maria é a mais bela flor jamais vista no mundo espiritual. É pelo poder da graça de Deus que, desta terra estéril e desolada, surgiram algumas flores de glória e de santidade. E Maria é a Rainha delas. Ela é a Rainha das flores espirituais; e por isso é chamada de *Rosa*, pois a rosa é com justiça considerada a mais bela de todas as flores.

Mas, além disso, ela é a *Rosa Mística*, ou *oculta*; pois mística significa oculta. [No entanto], como estaria ela agora mais “oculta” para nós do que os outros santos? O que significa essa singular invocação, que aplicamos especialmente a ela? A resposta a essa pergunta nos leva a uma terceira razão para crer na reunião de seu sagrado corpo com sua alma, e de sua assunção aos céus logo após a sua morte, em vez de sua permanência na sepultura até a ressurreição geral no último dia.

E a razão é a seguinte: se o corpo dela não foi levado aos céus, então onde está? Em que sentido ele nos estaria oculto? Por que não ouvimos falar de seu túmulo como estando aqui ou acolá? Por que não se lhe fazem peregrinações? Por que não se produzem relíquias de seu corpo, como dos outros santos? Acaso não é este um instinto até bastante natural de reverência para com os lugares onde estão enterrados os nossos mortos?

Nós sepultamos com honra nossos grandes homens. São Pedro fala do sepulcro de Davi como [de algo] notório em seu tempo,

ainda que ele tenha morrido muitos séculos antes. Quando o corpo de Nosso Senhor foi descido da Cruz, Ele foi colocado em um túmulo honroso. A mesma honra foi concedida a São João Batista, cujo túmulo é mencionado por São Marcos como sendo amplamente conhecido. Desde os tempos mais antigos, cristãos de outros países fazem peregrinações a Jerusalém para ver os lugares santos. E, quando o tempo das perseguições acabou, eles deram ainda mais atenção aos corpos dos santos, como os de Santo Estêvão, São Marcos, São Barnabé, São Pedro, São Paulo e outros Apóstolos e mártires. Estes foram transportados para grandes cidades, e partes deles foram enviadas para este ou aquele lugar. Assim, desde o princípio até os dias de hoje, têm sido uma grande tradição e característica da Igreja o amor e a reverência para com os corpos dos santos.

Ora, se houve alguma pessoa que, acima de todas [as outras], devia ser preciosamente cuidada, esta [pessoa] é Nossa Senhora. Por que, então, nada ouvimos [falar] sobre o corpo da Santíssima Virgem e suas relíquias separadas? Por que, então, ela é a Rosa *oculta*? Porventura é concebível que aqueles que foram tão reverentes e cuidadosos com os corpos dos santos e mártires a tenham negligenciado — a ela, que é a Rainha dos Mártires e a Rainha dos Santos, que foi a própria mãe de Nosso Senhor? É impossível. Por que, então, ela é a Rosa *oculta*? Claramente porque aquele sagrado corpo está nos céus, não na terra.

26. Maria é a *Turris Davidica*: a “Torre de Davi”

Simplemente considerada, a torre é uma estrutura de defesa contra inimigos. Davi, rei de Israel, construiu com esse fim uma torre notável; e, assim como ele é figura ou tipo de Nosso Senhor, assim também sua torre é uma figura da Virgem Mãe de Nosso Senhor.

Ela é chamada *Torre de Davi* porque cumpriu de modo significativo o ofício de defender seu divino Filho dos ataques de seus inimigos. Os não-católicos costumam imaginar que as honras que a ela prestamos interferem na adoração suprema que rendemos a Ele; que na doutrina católica ela o ofusca. Mas isso é exatamente o oposto da verdade.

Pois, se a glória de Maria é tão grandiosa, como é possível que não seja ainda maior a dele, que é o Deus e Senhor de Maria? Ele está infinitamente acima de sua mãe; toda a graça de que ela está cheia não são senão transbordos e superabundâncias da incompreensível santidade dele. E a história nos ensina a mesma lição. Vejam-se os países protestantes que, há três séculos, abandonaram por completo a devoção a ela, sob a noção de que, ignorando a mãe, exaltar-se-iam os louvores do Filho. Porventura foi essa a consequência que realmente se seguiu a tal conduta profana em relação a ela? Justamente o contrário — países como Alemanha, Suíça e Inglaterra, que agiram assim, em grande medida deixaram de adorar Jesus e não creem mais na sua divindade, enquanto a Igreja Católica, onde quer

que se encontre, adora o Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, tão firmemente como sempre o fez; e seria de fato estranho se as coisas tivessem se passado de outra forma. Desta forma Maria é a “Torre de Davi”.

27. Maria é a *Virgo Potens*: a “Virgem Poderosa”

Este imenso universo, que vemos de dia e à noite, ou o que chamamos de mundo natural, é governado por leis fixas, que o Criador lhe impôs, e por essas maravilhosas leis é protegido de qualquer dano ou perda substancial. Uma parte sua pode entrar em conflito com outra e podem lhe ocorrer mudanças internas; mas, visto como um todo, ele foi formado de modo a permanecer para sempre. Daí o dizer do salmista: “[Ele] firmou o universo, que não será abalado” (Sl 92, 1).

Assim é o mundo natural; mas há outro mundo ainda mais maravilhoso. Há um poder capaz de alterar e subjugar este mundo visível, suspendendo e contrariando as suas leis: é o mundo dos anjos e santos, da Santa Igreja e de seus filhos; e a arma pela qual eles dominam essas leis é o poder da oração.

Graças à oração, tudo que é naturalmente impossível pode ser feito. Noé rezou, e Deus lhe prometeu que jamais haveria de novo um dilúvio para afogar o gênero humano. Moisés rezou, e dez pragas terríveis caíram sobre a terra do Egito. Josué rezou, e o sol parou. Samuel rezou, e vieram chuvas e relâmpagos sobre a colheita de trigo. Elias rezou e fez sair fogo do céu. Elizeu rezou, e os mortos ressuscitaram. Ezequias rezou, e o vasto exército dos assírios foi derrotado e pereceu.

É por isso que a Virgem Santíssima é chamada de *poderosa* — e até *toda*-poderosa, às vezes: porque ela possui, mais do que

qualquer outra pessoa, mais do que todos os anjos e santos, essa grande e poderosa dádiva da oração. Ninguém tem acesso ao Todo-poderoso como sua mãe; ninguém tem méritos como os dela. Nada do que ela pedir seu Filho lhe negará; e aqui está o seu poder. Enquanto ela estiver defendendo a Igreja, nem a altura nem a profundidade, nem os homens nem os espíritos malignos, nem os grandes monarcas, nem as artimanhas humanas, nem a violência popular nos poderá prejudicar; pois a vida humana é breve, mas Maria, Rainha para sempre, reina nas alturas.

28. Maria é *Auxilium Christianorum*: o “Auxílio dos Cristãos”

A nossa gloriosa Rainha, desde a sua Assunção aos céus, tem sido a ministra de incontáveis serviços ao povo eleito de Deus na terra e à sua Santa Igreja. Este título de “Auxílio dos cristãos” está ligado a esses serviços, dos quais o Ofício Divino, ao registrar a ocasião em que lhe foi dado, relata cinco, associando-os mais ou menos com o Rosário.

O *primeiro* foi na instituição da devoção do Rosário por São Domingos, quando, com a ajuda da Virgem Santíssima, ele conseguiu deter e derrubar a tremenda heresia dos albigenses no sul da França.

O *segundo* foi a grande vitória obtida pela frota cristã sobre o poderoso sultão turco, em resposta à intercessão do Papa São Pio V e às preces das associações do Rosário em todo o mundo cristão — em memória perene de cuja maravilhosa misericórdia o Papa Pio introduziu em sua ladainha o título *Auxilium Christianorum*, e o Papa Gregório XIII, que o sucedeu, dedicou o primeiro domingo de outubro, dia da vitória, a Nossa Senhora do Rosário.¹⁴

14. Hoje a memória de Nossa Senhora do Rosário se celebra a 7 de outubro. (N.T.)

O *terceiro* foi, nas palavras do Ofício Divino,

a insigne vitória obtida em Viena, sob a proteção da Santíssima Virgem, sobre o crudelíssimo tirano dos turcos, que estava pisando sobre os pescoços do povo cristão; como monumento perene de cujo benefício o Papa Inocêncio XI mandou que se celebrasse o seu dulcíssimo nome, no domingo dentro da oitava de sua natividade.¹⁵

O *quarto* exemplo de seu auxílio foi a vitória, na Hungria, sobre as incontáveis forças desses mesmos turcos, no dia de Nossa Senhora das Neves [*i.e.*, a 5 de agosto], em resposta à solene súplica das confrarias do Rosário; ocasião na qual os Papas Clemente XI e Bento XIII concederam nova honra e privilégio à devoção do Rosário.

E o *quinto* foi quando ela restaurou o poder temporal do Papa, no início deste século, depois que Napoleão I, imperador dos franceses, tomou-o da Santa Sé; ocasião na qual o Papa Pio VII reservou o 24 de maio, dia desta misericórdia, para festa da Auxiliadora dos Cristãos, como ação de graças perpétua.¹⁶

15. Trata-se do Ofício Divino vigente à época do Cardeal Newman, *i.e.*, basicamente o Breviário do Concílio de Trento (antes mesmo das modificações por que passou ao longo de todo o século XX). Sobre o Santíssimo Nome de Maria, hoje ele é celebrado como memória facultativa no dia 12 de setembro, graças a São João Paulo II, que, reparando um erro da reforma litúrgica pós-conciliar, devolveu a festa ao Calendário Romano Geral. (N.T.)

16. Trata-se da famosa festa de Nossa Senhora Auxiliadora, título particularmente querido aos salesianos, desde São João Bosco. (N.T.)

29. Maria é a *Virgo Fidelis*: a “Virgem Fiel”

Este é um dos títulos da Santíssima Virgem que lhe pertencem de modo especial a partir do momento de sua Assunção e gloriosa Coroação à direita de seu divino Filho. Como ele lhe pertence [é algo que] ficará claro quando considerarmos alguns dos outros exemplos em que se menciona fidelidade na Sagrada Escritura.

A palavra *fidelidade* significa lealdade a um superior, ou exatidão no cumprimento de um dever. Nesse último sentido, aplica-se até mesmo ao próprio Deus todo-poderoso, que, em seu grande amor por nós, dignou-se limitar o próprio poder de ação através de sua palavra de promessa e da aliança com suas criaturas. Ele deu sua palavra: se o tomarmos como porção [de nossa herança] e entregarmos-nos em suas mãos, Ele nos guiará em meio a todas as provações e tentações, e conduzir-nos-á em segurança até o Céu. E para nos encorajar e inspirar, Ele nos recorda em várias passagens da Escritura que é o Deus *fiel*, o Criador *fiel*.

Assim, seus verdadeiros santos e servos recebem o título especial de “fiéis”, por serem fiéis para com Ele, assim como Ele o é para com eles; por serem simplesmente obedientes à sua vontade, zelosos de sua honra e observantes dos desígnios sagrados que Ele lhes confiou. Assim, Abraão é chamado o Fiel; Moisés é declarado fiel em toda a sua casa; Davi, por essa razão, é chamado “homem segundo o coração de Deus” (1Sm 13, 14);

São Paulo agradece a Deus por o haver considerado fiel; e, no último dia, Deus dirá a todos que empregaram bem os seus talentos: “Muito bem, servo bom e fiel” (*Mt 25, 23*).

De modo semelhante, é com eminência que Maria é fiel ao seu Filho e Senhor. Que ninguém suponha por um instante que ela não seja supremamente zelosa por sua honra, ou, como fantasiam os não-católicos, que ao exaltá-la somos infiéis para com Ele. Os verdadeiros servos de Maria são, com ainda mais verdade, servos dele. Assim como ela recompensa seus amigos, àquele que a preferisse a Ele, tê-lo-ia não por amigo, mas por traidor. Assim como Ele é zeloso pela honra dela, também ela o é pela [honra] dele. Ele é a fonte da graça, e todos os dons dela provêm da bondade dele.

Ó Maria, ensinai-nos sempre a adorar o vosso Filho como único Criador, e a vos ser devotos como à mais agraciada das criaturas.

30. Maria é a *Stella Matutina*: a “Estrela da Manhã”

Qual seria a abordagem mais próxima, ao modo de símbolos, neste mundo de visão e sentidos, para nos representar as glórias daquele mundo superior que está além de nossas percepções corporais? Quais são, aqui, os sinais e promessas mais verdadeiros — por pobres que sejam — daquilo que um dia esperamos ver no futuro como belo e excepcional? Sejam eles quais forem, a Bem-aventurada Mãe de Deus com certeza os pode reivindicar como seus. E assim o é; dois deles lhe são atribuídos como títulos em sua ladainha — as estrelas em cima e as flores embaixo. Ela é ao mesmo tempo a *Rosa Mystica* e a *Stella Matutina*.

E dentre esses dois [títulos], ambos bem adequados a ela, a Estrela da Manhã se torna o melhor, e isso por três razões.

Primeiro, a rosa pertence a esta terra, mas a estrela está posicionada no alto dos céus. Maria não tem mais parte neste mundo inferior. Nenhuma mudança, nenhuma violência por água, fogo, terra ou ar afeta as estrelas no alto; e elas se mostram, sempre brilhantes e maravilhosas, em todas as regiões deste globo e para todas as tribos dos homens.

Além disso, a rosa tem uma existência breve; sua decadência é tão certa quanto ela foi graciosa e perfumada em seu auge. Mas Maria, como as estrelas, permanece para sempre, tão brilhante

agora como no dia de sua Assunção; tão pura e perfeita, quando seu Filho vier para o julgamento, quanto o é agora.

Por fim, é prerrogativa de Maria ser a Estrela da *Manhã*, que anuncia o sol. Ela não brilha para si mesma, nem a partir de si mesma, não sendo senão o reflexo do seu e nosso Redentor, e ela o glorifica. Quando ela aparece na escuridão, [então] nós sabemos que Ele está próximo. Ele é o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Eis que Ele vem depressa, e com Ele a recompensa, de modo a retribuir a cada um segundo as suas obras. “Certamente venho em breve. Amém. Vem, Senhor Jesus.”